

A LINGUAGEM VERBAL NO *SETTING* MUSICOTERÁPICO

SANTOS, Hermes Soares¹ ; ZANINI, Claudia Regina de Oliveira²

Palavras-chave: Musicoterapia, Linguagem Verbal, Leitura Musicoterápica.

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

A Musicoterapia é uma abordagem científica transdisciplinar que utiliza elementos sonoro-musicais em “(...) um processo interpessoal que envolve o(s) terapeuta(s) e o(s) cliente(s) exercendo certos papéis na relação e em uma variedade de experiências musicais.” (Bruscia, 2000, p. 275) Por ser uma abordagem transdisciplinar, há diversas áreas afins que compõe seu corpo híbrido. Dentre estas áreas afins, há algumas que se ocupam com o estudo da linguagem verbal. O objetivo deste trabalho é o olhar do musicoterapeuta sobre a linguagem verbal no *setting* musicoterápico e fornecer material de estudo para esta área de pesquisa. “Priestley (1985) afirma que o terapeuta necessita encontrar a música nas palavras e as palavras na música e buscar por toda sua vida profissional o sentido em ambas”. (Álvares, 2003) Portanto, este trabalho visa contribuir para este olhar, esta escuta, na leitura e no processo musicoterápico.

2. METODOLOGIA

Este projeto foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. As sessões observadas foram realizadas no Laboratório de Musicoterapia da Escola de Música e Artes Cênicas - EMAC/UFG, com um grupo misto formado por seis participantes adultos. Durante este processo foram feitos relatórios, gravações, filmagens das sessões, leitura das fichas musicoterápicas, tendo como objetivo o conhecimento das histórias clínica e sonoro-musical dos participantes do grupo. As observações fazem parte da pesquisa “A movimentação de grupos em Musicoterapia – vivenciando musicalmente papéis grupais”, de autoria da Prof^a Claudia Regina de O. Zanini. Eis os aspectos a serem observados: entonação da voz, expressões nas quais o verbal é solicitado como parte integrante da sessão; expressões verbais pronunciadas dentro do contexto da sessão; expressões verbais associadas a melodias improvisadas e compostas; letras compostas para melodias dentro do *setting* musicoterápico e de canções trazidas pelos participantes e pelas musicoterapeutas. Na fase final da pesquisa, foram assistidas as fitas com filmagens de sessões com o grupo em atendimento. Foram realizadas discussões em torno da linguagem verbal. Foram também realizadas novas leituras, como do livro “É preciso cantar”, de Brandão, Millecco e Millecco Filho (2001). Neste livro, os autores defendem que

“(...) é difícil o estabelecimento de um limite rígido entre as origens da mímica e da fala, da música e da poesia. Quer nos parecer que o homem pode ter unido instintivamente música e palavra, prazer e intelecto, integrando os sons vocais. Provavelmente é a partir daí que o canto se faz presente nas mais diversas culturas, e sua função social tem se transformado junto com a história”. (p. 13-14)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No corpo do texto seguinte, encontram-se recortes de algumas sessões com um grupo de jovens estudantes universitários observado e a base teórica que possibilitou o

entendimento dos conteúdos apresentados. Em uma sessão, a musicoterapeuta sugeriu que o grupo explorasse a voz, improvisando com melodias sem a obrigatoriedade de usar palavras, dando a consigna de forma cantada. Depois, fez o mesmo perguntando ao grupo quais eram as cores e os tipos de comida que mais gostavam. Alguns participantes enfrentaram a barreira da inibição, mas a venceram, o que ficou manifesto depois nos conteúdos escritos em pequenos corações de papéis quando lhes foi indagado sobre o que desejavam para o grupo. Surgiram as seguintes palavras: “beleza”, “sentimentos nobres”, “paz”, “descontração”, “autoconhecimento”, “agradável”, “harmonia”. A manifestação destas impressões tem estreita relação com o discurso poético. No discurso poético (Prado, 2006) há sonoridade e afeto nas palavras. O afeto, segundo Jung (Pieri, 2002) é um distúrbio do decurso representativo da consciência, e a conseqüente necessidade de reestruturação desta, o que revela que a consciência não suporta os significados já previstos, vivenciados e estabelecidos. São necessárias as emoções para recompô-la. Portanto, o discurso poético tem estreita relação com a música, pois um dos âmbitos atingidos pela música é o emocional e sua integração com as palavras é também estreita e instintiva. Em um determinado momento de outra sessão, após uma audição musical, foi sugerido que os pacientes, juntamente com a musicoterapeuta, dissessem um sentimento de forma cantada. Enquanto alguns pacientes disseram palavras como “paz”, “harmonia”, um rapaz disse de forma falada: “confortável”. A respeito dele, foi possível observar, ao longo do processo, que sua movimentação corporal, bem como sua execução vocal eram pouco expressivas, sendo esta última, desafinada. Sua expressão sonoro-corporal manifestava, provavelmente, necessidade de segurança, o que pode estar congruente com seu conteúdo verbal (“confortável”). Diante destes fatos citados acima, percebeu-se que sentimentos verbalizados estavam congruentes com expressões sonoro-musicais dos pacientes. Isto pode significar que, da mesma forma que instrumentos com seus respectivos timbres - sendo o timbre um elemento da música conhecido popularmente como a “cor” do som - são reconhecidos como adequados ou não para comporem um determinado conjunto musical. A verbalização pode, no momento em que surge, estar adequada ou não com a expressão de um sentimento, estando sua “cor” combinando ou não com todo o contexto vivenciado. A partir de uma visão humanista (COREY, 1983), a leitura do musicoterapeuta é perceber se os parâmetros do som, a saber, *timbre*, *intensidade*, *altura* e *duração*, estão congruentes ou não com as demais linguagens do paciente, destacando dentre elas o objeto deste trabalho: a linguagem verbal. Este fato, sendo percebido pelo musicoterapeuta, possibilitará que ele intervenha de forma conveniente, pois todas as linguagens, corporal, sonoro-musical e verbal soarão ou não como um todo congruente e harmônico quanto à intenção do paciente, formando uma paisagem sonora (Schafer, 1991) dentro do *setting* musicoterápico, carregada de tensões variáveis. Como resultado final, foi possível observar que antes das mobilizações feitas com instrumentos e corpo, os componentes se encontravam mais fechados e inexpressivos, tanto musical, corporal e verbalmente. Com a aplicação de diversos métodos musicoterápicos, foi possível observar que o discurso verbal, objeto central desta pesquisa, se tornou mais organizado e expressivo nos momentos finais das sessões, bem como também foi um organizador dos conteúdos internos manifestados.

4. CONCLUSÃO

O presente trabalho representou a possibilidade de um novo olhar sobre a linguagem verbal dentro do *setting* musicoterápico. Ressalta-se o enfoque da linguagem verbal a partir de uma abordagem humanista e diferenciada da linguagem verbal própria dos *settings* psicoterápicos. O discurso poético foi focado como suporte teórico para fundamentar a musicalidade da comunicação analógica das metáforas que ocorrem no discurso verbal no *setting* musicoterápico. Segundo esta pesquisa, considera-se que o discurso verbal presente na sessão musicoterápica é um elemento sonoro-musical a mais, entre outros, que mobilizará o indivíduo. Portanto, o musicoterapeuta percebe a linguagem verbal como mais um membro desse corpo sonoro que é o ser humano. Sendo assim, a linguagem verbal, pode representar as “Outras Palavras”, como nos remete a canção de Caetano Veloso, fazendo da sonoridade dos versos uma criadora de novos sentidos:

*“Nada dessa sica de palavra triste em mina boca
Travo trava mãe e papai alma buena dicha louca
Neca desse som de nunca jamais nem never more
Sim dizer que sim pra Silô, pra Dedé, pra Dadi e Dó.”*

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁLVARES, Thelma S. *Introdução à Musicoterapia Analítica*. Texto apresentado durante o I Congresso Goiano de Musicoterapia. Goiânia, nov. 2003.
- BRANDÃO, Maria R. E.; MILLECO FILHO, Luís Antônio; MILLECO, Ronaldo P. *É preciso Cantar: Musicoterapia, Cantos e Canções*. Rio de Janeiro, Enelivros, 2001.
- BRUSCIA, Kenneth. *Definindo Musicoterapia*. Tradução por Mariza V. F. Conde. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000. 312 p.
- COREY, Gerald. *Técnicas de Aconselhamento e Psicoterapia*. Rio de Janeiro: Campus, 1983.
- PIERI, Paolo Francês. *Dicionário Junguiano*. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2002.
- SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. Tradução: Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Editora universidade Estadual Paulista, 1991. 400 p.

¹ Voluntário de iniciação científica. Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás - Curso de Musicoterapia.

² Orientador/ Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás - Curso de Musicoterapia –email: mtclaudiazanini@gmail.com